Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia - IGEO - UFRGS / ISSN 1982-0003

ISSN 1982-0003
DOI: https://doi.org/10.22456/1982-0003.155769

Memórias sempre carregam histórias e reconstroem espaços: tempos de escola e geo(bio)grafias

Memories always carry stories and rebuild spaces: school times and geo(bio)graphs

Les mémoires portent toujours des histoires et reconstruisent des espaces: temps d'école et géo(bio)graphies

Jussara Fraga Portugal*
Simone Ribeiro Santos**
Hanilton Ribeiro de Souza***

*Professora Titular plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Serrinha, Brasil – jportugal@uneb.br
**Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Serrinha, Brasil – ssoliveira@uneb.br
***Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Brasil – hrsouza@uneb.br

Recebido em 28/05/2026. Aceito para publicação em 23/07/2026.
Versão online publicada em 21/10/2026 (http://seer.ufrgs.br/paraonde)

Resumo:
Este texto versa sobre narrativas que comportam histórias de vida, memórias de experiências formativas nas trajetórias de escolarização e aprendizagens geográficas. Trata-se de uma escrita sobre as reflexões tecidas mediante a leitura, interpretação e análise de narrativas sobre memórias dos tempos de escola, entrecruzadas com as histórias de vida de graduandos do curso de licenciatura em Geografia do Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus V, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. As narrativas que tematizaram as reflexões que compõem o enredo desta escrita fazem parte do inventário de uma investigação-formação ancorada nos princípios do método (auto)biográfico, desenvolvida no devir das ações formativas no âmbito do componente curricular Prática de Ensino em Geografia I. Ancorada na tríade memórias escolares, formação docente e ensino de geografia, a referida proposição demarcou como objetivo conhecer as histórias de vida e as itinerâncias formativas, com ênfase nas memórias da escola, a fim de compreender como essas reminiscências da Geografia ensinada e aprendida na Educação Básica permeiam e fundamentam as concepções de futuros docentes. As narrativas analisadas colocam em cena, entre outras questões, uma concepção de Geografia ensinada nas escolas – cenários da formação dos graduandos – estritamente livresca, descritiva, fragmentária e mnemônica, além de evidenciar os memoriais de formação como importantes fontes de recolha de dados e informação sobre a vida e a formação de professores em formação inicial.
Palavras-chave: Memórias. Geografia escolar. Geo(bio)grafias.

Abstract:
This text deals with narratives that include life stories, memories of formative experiences in the trajectories of schooling and geographical learning. It is a writing about the reflections made through the reading, interpretation and analysis of narratives about memories of school times, intertwined with the life stories of undergraduates of the Geography course of the Department of Human Sciences (DCH), Campus V, of the State University of Bahia (UNEB), in the city of Santo Antônio de Jesus, in Recôncavo Baiano. The narratives that inspire this writing are part of the inventory of an investigation-formation based on the (auto)biographical method, developed in the course of formative actions within the curricular component Practical Teaching in Geography I. Anchored in the triad of school memories, teacher training, and geography teaching, the aforementioned proposal was aimed at understanding life stories and formative itineraries, with an emphasis on memories of school, in order to understand how these reminiscences of geography taught and learned in basic education permeate and underpin the conceptions of future teachers. The analyzed narratives place on scene, among other issues, a conception of geography taught in schools – scenarios for the formation of undergraduates – strictly literary, descriptive, fragmentary and mnemonic, in addition to highlighting the training memorials as important sources of data collection and information about life and teacher training in initial training.
Keywords: Memories. School geography. Geo(bio)graphs.

Résumé:
Ce texte traite de récits qui renferment des histoires de vie, des souvenirs d'expériences formatrices dans les parcours de scolarisation et les apprentissages géographiques. Il s'agit d'une réflexion élaborée à partir de la lecture, de l'interprétation et de l'analyse de récits portant sur les souvenirs du temps de l'école, croisés avec les histoires de vie d'étudiants de la licence de Géographie du Département des Sciences Humaines (DCH), Campus V, de l'Université de l'État de Bahia (UNEB), dans la ville de Santo Antônio de Jesus, dans le Recôncavo de Bahia. Les récits qui ont nourri les réflexions composant la trame de cette étude font partie de l'inventaire d'une recherche-formation fondée sur les principes de la méthode (auto)biographique, développée dans le cadre des actions de formation du module curriculaire Pratique de l'Enseignement de la Géographie I. Ancrée dans la triade « mémoires scolaires, formation des enseignants et enseignement de la géographie », cette proposition avait pour objectif de connaître les histoires de vie et les itinéraires de formation, avec un accent particulier sur les souvenirs de l'école, afin de comprendre comment ces réminiscences de la géographie enseignée et apprise dans l'Éducation de Base influencent et fondent les conceptions des futurs enseignants. Les récits analysés mettent en scène, entre autres, une conception de la géographie enseignée dans les écoles — cadres de formation des étudiants — comme étant strictement livresque, descriptive, fragmentée et fondée sur la mémorisation. Ils mettent également en évidence les mémoriaux de formation comme d'importantes sources de collecte de données et d'informations sur la vie et la formation des enseignants en formation initiale.
Mots-clés: Mémoires. Géographie scolaire. Géo(bio)graphies.

1. Memórias escolares e geo(bio)grafias: o texto e o seu contexto

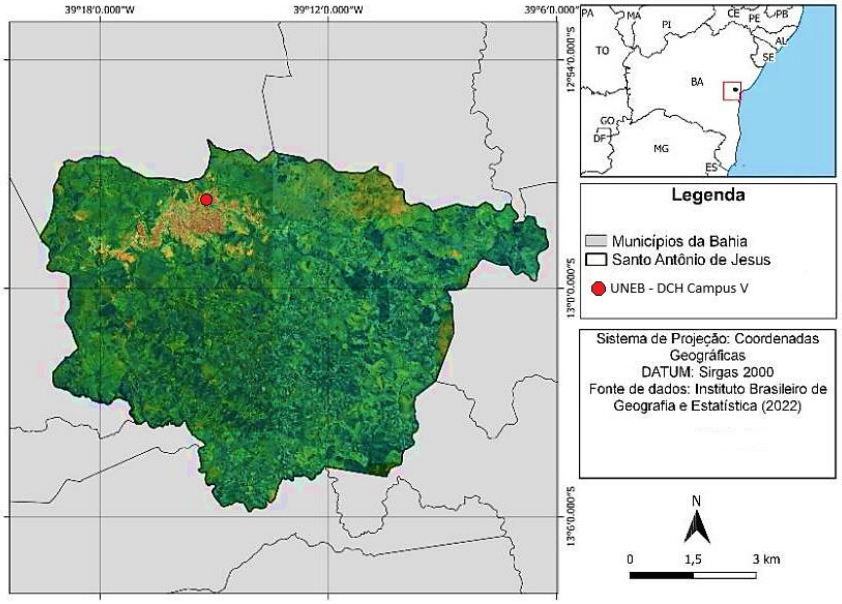
> [...] a escrita de si propicia ao ator-autor da história a possibilidade de construir uma versão satisfatória de si mesmo, mediante a reflexão sobre sua experiência, no ato de narrar a história de sua vida e/ou de sua formação (Passeggi, 2008a, p. 103-104).

Quais memórias guardamos dos tempos de escola? Dos professores? E da Geografia ensinada e aprendida? Essas questões foram o ponto de partida para a proposição de uma prática de investigação-formação desenvolvida no primeiro semestre de 2025, inspirada nas experiências do "Projeto Traduzindo-me: narrar histórias, geografar trajetórias " (Portugal, 2006), o qual encontra-se ancorado na abordagem qualitativa e nos referenciais teórico-

metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, cujo objeto versa sobre as histórias de vida, as trajetórias de escolarização, as memórias da escola e as itinerâncias formativo-acadêmicas de professores de Geografia em formação inicial.

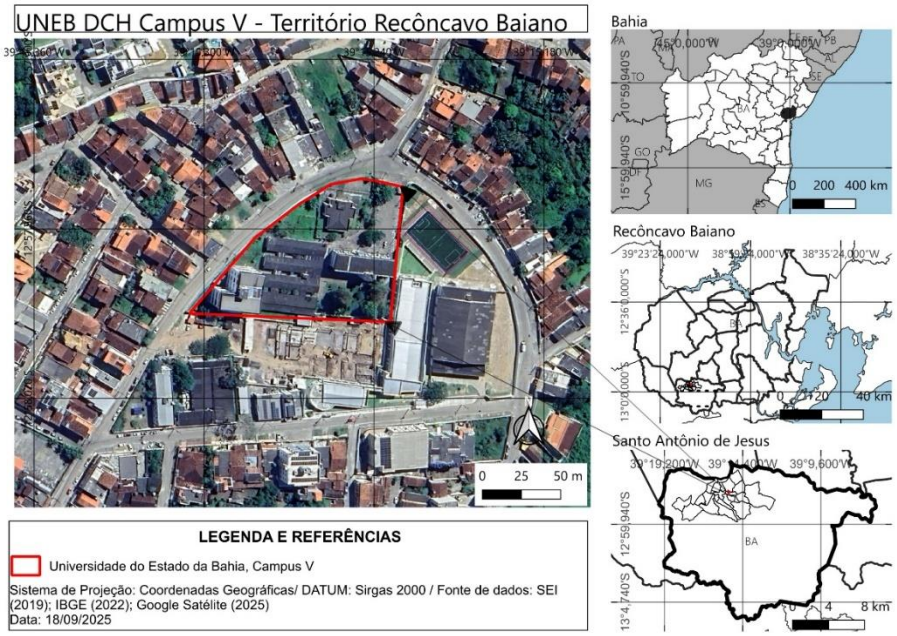
A referida prática foi realizada com graduandos do curso de licenciatura em Geografia, do Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus V, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – UNEB, DCH, Campus V – Santo Antônio de Jesus (BA)



Fonte: elaborada pelos autores com base em IBGE (2022).

Figura 2 – Localização da UNEB, DCH, Campus V – Santo Antônio de Jesus (BA)



Fonte: elaborada pela autora com base em SEI (2019) e IBGE (2022).

Para a construção do memorial de formação, a escrita foi mobilizada a partir das seguintes temáticas: 1 – Traduzindo-me em palavras: histórias de uma vida; 2 – Memórias da escola: vivências e experiências; 3 – Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas; 4 – Memórias da escola: livro didático; 5 – Memórias Escolares: assim fui avaliado(a). A adoção do memorial como única fonte e dispositivo de recolha de histórias se justifica pelo fato de ser um "[...] documento de natureza autobiográfica, onde o narrador retoma sua trajetória de vida, a partir de objetivos previamente definidos" (Bragança; Maurício, 2008, p. 263). Ademais, entende-se que a escrita de si, no formato memorial, constitui-se como uma forma de registro de vivências, experiências, acontecimentos, memórias, reflexões e se traduz em uma narrativa emaranhada de histórias, sentimentos e valores que compõem o processo de vida-formação do sujeito, pois, conforme Delory-Momberger (2008, p. 36), "[...] quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. [...] de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias". Nesse sentido, em relação ao memorial, fonte de recolha de informações desta investigação-formação, trata-se de um texto escrito em primeira pessoa que apresenta os eventos, os fatos, os acontecimentos que compõem as trajetórias de vida, formação e as memórias de escola de licenciandos em Geografia do DCH da UNEB de Santo Antônio de Jesus (BA).

Esta ação de investigação-formação faz parte do escopo da pesquisa-âncora "Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, reminiscências e narrativas" (Portugal, 2023), a qual busca demarcar um objeto instituído pelas inter-relações mútuas entre memórias, expressões identitárias e narrativas sobre acontecimentos, vivências, experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos. O trabalho justifica-se pela relevância de conhecer e compreender as histórias de vida e de formação dos graduandos em licenciatura em Geografia, a fim de refletir como as lembranças da escolarização e as aprendizagens geográficas constituem e fundamentam a visão de mundo dos sujeitos. A opção pelo método (auto)biográfico, na perspectiva da pesquisa narrativa, justifica-se pela intenção de conhecer os sentidos atribuídos pelos licenciandos, acerca de suas recordações, seus itinerários, suas vivências, suas experiências nos percursos de escolarização e, sobretudo, suas aprendizagens da Geografia escolar.

A composição dos enredos das narrativas é elaborada conforme o modo singular do sujeito narrador conceber a sua vida, sentindo-se livre para elaborar a sua escrita, ao rememorar as experiências, os lugares da(s) escola(s), os professores e suas práticas, bem como

as aprendizagens da Geografia nos percursos de formação escolar.

A nossa intenção, ao propor esta escrita, é apresentar algumas reflexões tecidas por meio da leitura, da análise compreensiva-interpretativa das narrativas que compõem o inventário que retratam repertórios de histórias de vida, formação – no período da trajetória de escolarização – e as memórias guardadas da escola. Para compor este manuscrito, selecionamos as narrativas de seis estudantes, as quais compõem o enredo da terceira seção, intitulada "Nos tempos da escola e outras histórias: 'geo(bio)travessias'".

2. Abordagem (auto)biográfica: investigação e formação do futuro professor de Geografia

> Formar-se não é instruir-se; é antes de mais, refletir, pensar numa experiência vivida [...]. Formar-se é aprender a construir uma distância face à sua própria experiência de vida, é aprender a contá-la através de palavras, é ser capaz de a conceptualizar. Formar é aprender a destrinchar, dentro de nós, o que diz respeito ao imaginário e o que diz respeito ao real, o que é da ordem do vivido e o que é da ordem do concebido (ou a conceber), o que é do domínio do pretendido, isto é, do projeto (Hess, 1985 *apud* Nóvoa, 2014, p. 152).

O excerto de Rémy Hess que abre esta seção leva-nos a refletir sobre a relevância contemporânea em repensar o processo formativo, pois, como também ratifica Nóvoa (2014), ninguém forma ninguém, já que o processo formativo é, inevitavelmente, um trabalho pessoal e interior, de autorreflexão, sobre as trajetórias de vida do sujeito, ou seja, como suas vivências e experiências pessoais, sociais e espaciais têm significado e significantes na formação da sua leitura de si, do outro e do mundo.

Dessa forma, Pineau (2014) discute que, entre a ação dos outros sobre nossas vidas (heteroformação) e a do meio ambiente/espaço geográfico (ecoformação), há uma força formativa bastante relevante – a das ações do eu, interligada e submetida às primeiras, que chamamos de autoformação –, quando o sujeito, ao narrar e refletir sobre sua vida, torna-se, simultaneamente, autor, ator e investigador dos seus processos formativos, visando uma emancipação biocognitiva.

Nesse sentido, formar-se, realmente, não é instruir-se, lógico que o conhecimento produzido é importante para o aprendizado do sujeito, mas formar-se é algo mais abrangente, não é apenas consumo do saber, mas sua produção, que também é feita por meio da narração, interpretação e compreensão das nossas trajetórias de vida (Nóvoa, 2014).

Com isso, observa-se que este trabalho, ao propor a reflexão sobre como as lembranças da escolarização e as aprendizagens geográficas constituem e fundamentam a visão e leitura de mundo dos sujeitos, oportuniza que estes sujeitos, futuros professores e professoras de Geografia, elaborem uma compreensão sobre seu percurso de vida e as encadeações geradas no presente, implicando-os, inevitavelmente, no e para seu próprio processo de formação, produzindo sua identidade pessoal e docente (Nóvoa, 2014).

Como a pesquisa intencionava conhecer os significados atribuídos pelos licenciandos, acerca de suas recordações, seus itinerários, suas vivências e suas experiências nos percursos de escolarização e, sobretudo, suas aprendizagens da Geografia escolar, inexoravelmente, a opção era o método (auto)biográfico, na perspectiva da pesquisa narrativa, tendo em vista a qualidade e a distinção dessa abordagem em relação aos demais métodos científicos, devido à atenção particular e um grande respeito pelos processos pessoais dos sujeitos, considerando e valorizando elementos formadores, muitas vezes, negligenciados e/ou invisibilizados por outras abordagens clássicas, que não consideram o sujeito empírico, sua trajetória de vida e formação e nem a dimensão simbólica de sua vida (Nóvoa; Finger, 2014; Passeggi; Souza, 2017).

Segundo Dominicé (2014), as narrativas (auto)biográficas são resultado de uma tomada de consciência do sujeito que, ao retornar no tempo-espaço da memória, esforça-se em selecionar do seu passado vivencial e educativo o que lhe parecer ter sido formador ou não na sua vida. Assim, ele evidencia seu percurso de vida, os significados e significantes atribuídos e que são relevantes para sua identidade e apreensão do mundo.

Além das qualidades já destacadas dessa abordagem científica, destaca-se sua dupla função, exercida de modo simultâneo: como meio de investigação – necessário para compreender de que maneira as histórias de vida dos sujeitos incidem na construção de suas identidades – e como instrumento pedagógico – ao possibilitar que os participantes, ao narrar, interpretar e compreender suas histórias de vida e de formação, realizem processos de autoformação e emancipação (Nóvoa, 2014; Nóvoa; Finger, 2014).

Nesse sentido, a abordagem (auto)biográfica se constitui numa prática autopoiética – produzir a si próprios através dos seus saberes implícitos –, e numa opção epistemopolítica – reconhecer o direito e a validade das narrativas (auto)biográficas, bem como concordar que a vida se desenvolve nos sujeitos de forma livre, autônoma e imprevisível, influenciando continuamente no seu processo formativo, independentemente dos controles externos (Pineau; Le Grand, 2012).

Outro mérito da abordagem (auto)biográfica é a possibilidade, por meio das escritas de si dos sujeitos, os licenciandos em Geografia, colaboradores desta pesquisa, de se analisar fatores que ficam na penumbra na educação, ou seja, através de um olhar e atenção particulares sobre determinados processos formativos, possamos compreender a atividade interior do sujeito nas suas aprendizagens, fatores que, geralmente, ficam ocultos ou são negligenciados pela pedagogia e por outras abordagens científicas (Josso, 2014).

Pineau e Le Grand (2012, p. 15) ressaltam que "[...] fazer a vida nunca foi fácil, ganhá-la, também não. Compreendê-la, menos ainda". Nessa direção, este trabalho busca essa compreensão de como as vivências, as experiências, as espacializações e as aprendizagens geográficas dos licenciandos em Geografia são relevantes no seu processo formativo enquanto futuros professores. Além disso, conscientes de que formar-se em Geografia não é apenas instruir-se e consumir os conhecimentos básicos dessa ciência, mas, principalmente, olhar para dentro e narrar-se, oportunizamos aos sujeitos colaboradores da pesquisa um processo de autoformação e emancipação.

Sobre a adoção do método (auto)biográfico, em contextos de formação e pesquisa com professores de Geografia, ressaltamos que tem sido um investimento que temos potencializado, pois acreditamos que "[...] fazer e conhecer Geografia é um modo de ser e, também, de se conhecer como pessoa, como cidadão, como sujeito social. É uma maneira de atuar na vida" (Cavalcanti, 2019, p. 15). Ressaltamos que, conforme destaca Portugal (2015), é necessário ampliar os estudos em torno das histórias de vida, experiências de formação, trabalho docente e a constituição da identidade e profissionalização de professores de Geografia, tendo em vista conhecer os modos como cada um aprende a profissão e constrói a sua identidade profissional.

3. Nos tempos da escola e outras histórias: "geo(bio)travessias"

> É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa da nossa vida (Delory-Momberger, 2008, p. 37).

A epígrafe do texto de Momberger (2008), que abre esta seção, reafirma a importância do ato de narrar fatos, acontecimentos e fenômenos da nossa vida, sobretudo para compreendermos o que foi vivido, experienciado, dito, feito... para nos reinventarmos cotidianamente, pois a (auto)biografia possibilita o sujeito refletir sobre suas itinerâncias e escolhas para continuar ou traçar outras rotas para mudar o caminho, construindo as geo(bio)travessias (Oliveira, 2017).

As geo(bio)travessias é um conceito elaborado por Oliveira (2017) durante seus estudos de doutoramento e tem nos ajudado a compreender as histórias de vida de professores em formação inicial. Esse conceito, conforme Oliveira (2017), designa processos que abrangem histórias de vida tecidas nos mais diferentes cenários geográficos, sociais, econômicos e culturais que envolvem os sujeitos dos mais diversos lugares, como favelas, áreas periféricas e de riscos, bairros pobres e áreas rurais empobrecidas que possuem pouca ou nenhuma possibilidade de oferta de melhoria das condições sociais, mas os sujeitos podem superar os obstáculos e promover, a partir de processos de auto-re-organização, a emersão social ascendente por meio do acesso à educação, a partir dos incentivos dos familiares e das redes de relações sociais construídas no decurso de uma vida, na pluralidade dos mundos sociais não homogêneos e contraditórios.

Ainda segundo Oliveira (2017), as geo(bio)travessias são possibilitadas pelos processos de "auto-re-organização permanente" (Pineau; Le Grand, 2012) praticados pelos sujeitos em seus diferentes territórios – da vida, da formação e do exercício da profissão. Reafirma Oliveira (2017) que "bio" e "travessias" envolvem a discussão que versam sobre o "conhecimento de si", ao se apropriar das ideias de Souza (2004a; 2004b; 2006a, 2006b; 2008) e da "(re)invenção de si", defendida por Delory-Momberger (2012a; 2012b; 2014), os quais decorrem das aprendizagens construídas a partir das "experiências e vivências" (Josso, 2010) durante um percurso/trajetória de vida nos diferentes lugares – "geo".

Dito isso, reafirmamos que as narrativas são importantes fontes de recolha de dados e informações sobre a vida e a formação.

Ao evocar as memórias do tempo da escola, os colaboradores desta pesquisa nos permitem conhecer suas geo(bio)travessias, seus processos de escolarização, as aprendizagens construídas, as experiências vivenciadas, os professores referências, os fatos e acontecimentos mais marcantes em suas vidas, o porquê de terem escolhido o curso de licenciatura em Geografia, as professoras mais marcantes, entre tantas outras histórias.

Assim narrou um professor de Geografia em processo de formação inicial:

> *Durante meu processo de adaptação ao Ensino Fundamental, tive contato com diversas experiências [...] esse período também foi marcado por ser uma época de* bullying*. Por ser um garoto baixinho e gordinho, minha vida no Ensino Fundamental foi muito difícil. As piadas sobre mim eram muito tenebrosas, [...] ficaram marcados na minha memória. Cheguei a um ponto em que não queria mais frequentar a escola devido ao* bullying *constante. No entanto, tive uma professora chamada Nady, foi quem mais me ajudou nessas dificuldades e me incentivou através dos estudos. [...] Ela me mostrou o lado da educação que eu não enxergava* (Márcio Gustavo Duarte dos Santos[1]. Narrativa 2: Memórias da escola: vivências e experiências).

Esse fragmento narrativo do graduando Márcio Gustavo nos remete aos estudos de Josso (2004) quando fala sobre as experiências e vivências, ao afirmar que o primeiro momento de transformação de uma vivência em experiência inicia-se quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença.

Ao revisitar as memórias do tempo da escola, ainda nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o graduando Márcio Gustavo, em sua narrativa, destaca dois episódios que marcaram a sua trajetória escolar. O primeiro versa sobre o sofrimento causado pela prática de bullying promovida por seus colegas. O fato de ter sido uma criança baixa e gorda foi um desencadeador de alguns traumas durante um certo tempo escolar, decorrente desse tipo de violência, ainda hoje muito presente no espaço escolar. O segundo episódio narrado retrata a presença marcante da professora Nady. Em suas memórias, o graduando rememorou que foi essa professora que o ajudou a superar as dificuldades durante um período de escolarização, ao apresentar as diversas matérias escolares, mobilizando-o a estudar, a querer ser e fazer diferente, ao lhe proporcionar uma educação diferenciada. Esse último episódio sobre as memórias do início da escola caracterizou-se como um acontecimento que demarcou um "momento charneira" (Josso, 2004) devido à presença dessa professora.

Josso (2004) conceitua esse momento como:

> [...] aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um 'divisor de águas', poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça algo que, portanto, faz o papel de articulação. Esse termo é usado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas na vida (Josso, 2004, p. 64).

[1] Os colaboradores deste texto são identificados pelos seus respectivos nomes de batismo, conforme termo de autorização concedido aos pesquisadores, autores desta escrita.

Para o graduando Márcio Gustavo, a presença da professora Nady, nos primeiros anos escolares, se constituiu como um divisor de águas. A escrita da narrativa de Gustavo possibilitou-lhe acionar sua memória para refletir sobre o vivido no início de seu processo de escolarização e lhe permitiu realizar uma tessitura daquele momento transcorrido em diálogo com o presente, para narrar um acontecimento charneira que possibilitou sua (auto)transformação, projetando-o como professor de Geografia em formação inicial.

Uma outra graduanda rememora períodos escolares e centra a sua narrativa nas memórias guardadas sobre os professores de Geografia que atravessaram a sua trajetória escolar. Assim disse:

> *[...] Não tive nenhum professor graduado na matéria e a Geografia sempre foi dada por alguém com outra graduação. Então, eles nem tinham apego à disciplina, escreviam o que dava na telha [...]. Eles avaliavam a gente com provas e testes, somente isso. Não tínhamos aula de campo ou algo divertido, como seminários, na matéria de Geografia. Já no Ensino Médio, tive um professor que era formando em Geografia. Ele era um senhor de idade que fazia ditado com a gente: ele ditava os nomes dos países e a gente escrevia. E só falava de globalização. Do primeiro até o terceiro ano do Ensino Médio, esse foi o conteúdo ensinado* (Juliana Sena. Narrativa 3: Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas).

Ao interpretar o excerto da narrativa da graduanda Juliana Sena, destacamos duas questões importantes: 1) a ausência de referência de um professor de Geografia licenciado no Ensino Fundamental e a presença de um professor licenciado no Ensino Médio; e 2) o modo de ensinar conceitos e temas da Geografia na escola e as estratégias de ensino dos professores.

Sobre a primeira questão, é possível afirmar que ainda é recorrente, sobretudo no interior do estado da Bahia, encontrarmos professores sem formação inicial específica para atuar no componente curricular ao qual foi designado a ministrar na escola, apesar de todo o esforço público em oferecer programas de formação docente, como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) , cujo objetivo é qualificar professores da Educação Básica em exercício nas redes públicas de ensino.

Já a segunda questão que emerge da narrativa de Juliana Sena centra nas temáticas abordadas pelos professores de Geografia, na necessidade de diversificar as estratégias de ensino, na importância de fazer uso de diversas linguagens – música, literatura, cinema, charges, tiras, mapas, fotografias, jogos, entre outras – para mobilizar os estudantes e aproximar os temas e conceitos da Geografia.

A ausência de boas memórias sobre a Geografia ensinada na escola também foi sinalizada por Brenda Santos, cujas histórias estão grafadas na narrativa a seguir:

> *Não tenho boas lembranças da Geografia que aprendi [...] era uma matéria que me passava muito despercebida não me causava muito efeito, as minhas professoras tinham um método de ensino [...] totalmente tradicional baseado no livro didático. [...] lia um texto, passava questões e acabou, meu Ensino Fundamental inteiro foi assim, do 1° ao 5° foi e do 6° ao 9° quando começa a ter a matéria individualmente tive duas professoras nesse meio tempo, pela minha lembrança as duas eram formadas em Geografia mesmo, mas não mudava em muita coisa porque às vezes nem elas sabiam muito o que nos falar. Já no Ensino Médio, o meu professor de Geografia era um bom professor, tinha seus problemas como pessoa, mas tinha um ensino incrível, ele era o professor que todos tinham respeito e medo também de perder na matéria dele, ele era muito rigoroso com celular na sala de aula e, por isso, era a única disciplina que todos os alunos prestavam atenção e realmente se esforçava para aprender porque não era tipo do que aceitava bajulação ou tinha algum tipo de favoritismo e todos tinham que se esforçar igualmente. Comparando todos os professores que tive, sinto que ele foi um dos únicos que conseguia transformar a informação acadêmica em uma informação escolar, então, por isso tenho uma certa admiração por ele por ter nos mostrado que a Geografia não era aquela coisa chata do fundamental* (Brenda Santos. Narrativa 3: Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas, 2025).

A história narrada pela graduanda Brenda Santos se aproxima da narrativa da sua colega Juliana Sena, ao rememorar o modo como seus professores ensinavam conceitos e temas da Geografia na escola e as estratégias utilizadas pelos professores que tivera nos Anos Finais do Ensino Fundamental, conhecidas como tradicionais e mnemônicas, embora essa situação tenha mudado no Ensino Médio, quando passou a ter um professor de Geografia que fez a diferença, que mostrou uma geografia vivida, importante para a formação do sujeito.

Contudo, apesar da existência de docentes que ainda prescindem de formação e capacitação adequadas para ensinar uma Geografia que revele sua relevância socioespacial na formação dos sujeitos e para a transformação da realidade local, temos também avanços e docentes que, com suas aulas, desenvolvem, por meio dos conteúdos, o conhecimento e raciocínio geográficos, como podemos observar nas narrativas dos graduandos Diôgo Rennan e Giuliano Santos:

> *[...] Lá [em Teodoro Sampaio/BA], à medida em que crescia, me tornava curioso sobre a vida e sobre os mistérios do nosso mundo, por isso que, às vezes me imaginava com um astronauta, apicultor e até mesmo veterinário. Essa curiosidade toda contribuiu muito para o desenvolvimento do meu* hobby *por leitura, mas à medida que crescia, percebia que esses sonhos não combinavam mais com quem eu era e, por um tempo, me senti relativamente perdido. Quando cheguei ao Ensino Médio, conheci vários professores incríveis e um deles me chamou atenção por conta de uma coisa que ele fez: conseguiu transformar uma disciplina que sempre pensei ser chata demais, em algo interessante e fácil de entender. A forma como ele ensinou Geografia me fez enxergar essa matéria com novos olhos, mais tarde decidi fazer a faculdade para dar uma continuidade aos estudos, então, após a saída das notas do Enem e o começo do processo de inscrições para o SISU, decidi deixar Geografia como uma das minhas opções e acabei passando para Geografia.*

> *Com isso tive que sair da minha cidade e voltei a estar com meus avós paternos. Assim me tornando um estudante de licenciatura em Geografia* (Diôgo Rennan. Narrativa 1: Traduzindo-me em palavras – histórias de uma vida, 2025).

> *[...] Chegando no sexto ano, lá tive minhas primeiras aulas de Geografia, [ainda na periferia da cidade de São Paulo]. Lembro de dois professores que me deram aula nessa época. Washington, que é um nome engraçado para um professor de Geografia, dito que é a capital dos Estados Unidos. Ele me ensinou muita coisa sobre Geografia Física. Já a professora Juliana, que por sinal era muito arrogante com todos os alunos, lecionou aulas mais para o lado da geologia. No meu Ensino Médio [em Tancredo Neves, na Bahia], tive como professora Monique Veiga, que tenho imenso carinho, me deu aula do começo ao fim do Ensino Médio e lecionou a parte mais social da Geografia. Inclusive tive meu primeiro contato com Milton Santos através de uma pesquisa requisitada por ela* (Giuliano Santos. Narrativa 3: Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas, 2025).

As narrativas dos graduandos Diôgo e Giulliano evocam memórias dos professores de Geografia que, com uma práxis pedagógica condizente com um ensino de Geografia contextualizado e significativo, conseguiram a produção do conhecimento e raciocínio geográficos, como também encantar os discentes em relação à importância dessa ciência/disciplina para a sociedade, inter-relacionando Geografia Física e a Geografia Humana para explicar a (re)produção do espaço geográfico.

Outra questão que merece destaque nas narrativas do graduando Diôgo Rennan são sua inter-relações mútua com seu espaço vivido no interior da Bahia – município de Teodoro Sampaio –, onde os processos e relações socioespaciais, os saberes e leituras de si e do mundo, as experiências vivenciadas no/do e com o espaço vivido despertaram seu olhar e curiosidade para o mundo e a necessidade de apreendê-lo. Fator esse potencializado pela práxis pedagógica criativa, significativa e contextualizada do seu professor de Geografia do Ensino Médio.

Ainda sobre o espaço vivido e suas inter-relações mútuas com o sujeito, observa-se que a busca e a construção do lugar atravessam a narrativa do graduando Edimilson Andrade, que evoca memórias da itinerância vivida durante parte de sua infância e adolescência entre cidades do interior da Bahia. Mostra, ainda, como essa busca pelo lugar (espaço vivido) e, também, pelo seu lugar no mundo (a inserção social de um jovem trabalhador, negro, periférico e pobre) o levou a escolher a Geografia:

> *[...] Nascido em Santo Antônio de Jesus/BA, cresci vendo o tempo passar por entre os paralelepípedos das ruas e as janelas pequenas das casas simples. Vivi também em Varzedo e Amargosa [Bahia], carregando comigo a sensação de nunca estar inteiramente enraizado em lugar algum, sempre de passagem, sempre tentando entender onde era meu lugar. Na infância, os esportes me deram abrigo. Futebol, atletismo, karatê... talvez eu tentasse me encontrar ali, em cada chute, em cada corrida, em cada faixa que conquistava. A faixa laranja ainda mora em alguma gaveta, como se guardasse uma parte de mim que*

> *tentou, mesmo pequeno, vencer a vida na disciplina e na força [...]. Hoje, curso Geografia, tentando compreender o mundo para quem sabe, entender a mim mesmo. Também, trabalho como jovem aprendiz no setor fiscal da Natulab, uma rotina que carrego na garupa da minha bicicleta, que me leva todos os dias ao encontro da vida adulta. E pedalo com o peso das responsabilidades, mas também com a sensação constante de que estou me movendo, mesmo quando tudo parece me querer parado [...]* (Edimilson Andrade. Narrativa 1: Traduzindo-me em palavras – histórias de uma vida, 2025).

A narrativa do graduando Edimilson Andrade evidencia a necessidade do sujeito por um lugar, que simboliza a pausa, a segurança, o pertencimento, o afeto e a identidade, enquanto o espaço representa: o movimento, a liberdade e a possibilidade (Tuan, 1983). Apesar de destacar a necessidade por segurança e identidade (lugar), Edimilson também anseia liberdade e novas possibilidades (espaço) para sua vida, bem como o desejo de compreensão de si mesmo e do mundo, vendo na Geografia um instrumento para esses anseios. Observa-se, também, que suas relações com os espaços experienciados, a busca pela identidade e pertencimento, a sobrevivência e a procura de respostas pessoais e em relação ao mundo o fizeram optar pelo curso de Geografia, como tentativa de fazer outras leituras de si, do outro e do mundo, a partir de suas geo(bio)travessias.

Por fim, é preciso salientar que as narrativas dos graduandos Diôgo Rennan e Edimilson Andrade também expressam como os lugares são coleções de histórias, fundamentando nossas memórias e identidades, na medida em que as experiências e vivências não ocorrem sobre o espaço geográfico, mas no/do e com o espaço, pois imprimimos nossas marcas no espaço, mas ele também nos imprime características, sentimentos e anseios. Com isso, percebemos como o lugar, sua busca e as experiências vivenciadas despertaram nos sujeitos a necessidade de outras leituras de si e do mundo (Delory-Momberger, 2012; Massey, 2008), construindo outras geo(bio)travessias (Oliveira, 2017), possibilitadas pelos processos de "auto-re-organização" (Pineau; Le Grand, 2012) praticados pelos sujeitos em seus diferentes lugares de constituição do ser e do tornar-se, a partir do conhecimento de si (Souza, 2004a; 2004b; 2006a, 2006b; 2008) e da "(re)invenção de si" (Delory-Momberger, 2012a; 2012b; 2014), das aprendizagens e das "experiências e vivências" (Josso, 2010) edificadas no decurso de uma trajetória, pois as narrativas, construídas no componente curricular Prática de Ensino em Geografia I, no DCH, da UNEB de Santo Antônio de Jesus, no devir das ações formativas da investigação-formação ancorada nos princípios do método (auto)biográfico, permitiram aos graduandos acionar suas memórias, refletir sobre o vivido e reinventar-se como pessoas e professores em formação inicial em Geografia.

4. "O tempo se transforma em memórias" carregadas de histórias: reflexões finais

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo (..)
Caetano Veloso (1979).

No devir das ações desenvolvidas em um curto período de tempo (um semestre letivo), o que intencionamos, mediante o uso de estratégias de formação, ancoradas na evocação de reminiscências dos tempos de escola e na escrita de narrativas (auto)biográficas, foi, por um lado, conhecer aqueles sujeitos e apreender as histórias sobre as trajetórias de escolarização e, por outro lado, possibilitar aos estudantes que estavam ingressando na universidade refletir sobre o vivido, compreendendo as vivências escolares como ponto de partida para pensar a escola como lugar de aprendizagem da docência.

Cremos que o modo como o sujeito narra a si mesmo é um modo singular de, conforme defendem Menezes e Costella (2019, p. 102),

> [...] formar a si e os outros, visto que a narrativa (auto)biográfica lança um olhar para dentro do sujeito narrador, resgatando suas memórias, expondo suas trajetórias, o que o coloca em autoavaliação e o aproxima do autoconhecimento. Ao mesmo tempo, o registro e socialização das narrativas permite que outros também visualizem possibilidades de reflexão concernente ao seu processo formativo no sentido de abrir-se para o pensar e o questionar sobre como se aprende a ser professor/a.

As narrativas (auto)biográficas dos acadêmicos (graduandos), interpretadas e analisadas, destacam vivências no contexto escolar, apontam a relevância da escola e dos professores e descrevem algumas situações didático-pedagógicas que configuram o modo como foram construídas aprendizagens de conceitos e temas da Geografia na escola.

As memórias evocadas carregam o passado e suas histórias, muitas delas reinventadas, reconstruídas e ressignificadas. Ao mobilizar memórias com a intenção de narrar sobre o vivido, no tempo presente, inevitavelmente, damos novos significados às experiências, uma vez que, "[...] por meio da narrativa nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã. Memória e imaginação amalgamam-se nesse processo" (Bruner, 2014, p. 103).

Narrativas da trajetória de vida pessoal e das situações experienciadas nos tempos de escola foram ancoradas na escrita de memoriais, contemplando as dimensões temáticas: 1) Episódios/eventos da trajetória de vida; e 2) Memórias da escola (vivências, experiências, os professores e suas práticas, aprendizagens geográficas, o livro didático e a avaliação), compondo um entrelaçamento de histórias que transversalizam a vida e a formação para que os graduandos, professores em formação, possam traçar outros caminhos e construir outras tantas narrativas, a partir do vivido, nos diferentes lugares, do refletido, do reinventado e do ressignificado.

Assim, por meio das temáticas definidas para inspirar a escrita do memorial, os licenciandos narraram acontecimentos que compõem os enredos das suas trajetórias de vida-formação, com ênfase nas itinerâncias escolares.

As narrativas (auto)biográficas dos(as) estudantes do curso de licenciatura em Geografia, do DCH, Campus V, da UNEB, interpretadas e analisadas, revelam e desvelam geo(bio)grafias, ao colocar em cena vivências no contexto escolar, histórias que apontam a relevância da escola e dos professores da Educação Básica, ao descrever algumas situações que configuram aprendizagens de conceitos e temas da Geografia na escola, ou seja, experiências formativas que, de certo modo, subsidiam as percepções que têm em relação a essa ciência/disciplina, à docência e sua práxis pedagógica que, após compreendidas, devem ser trabalhadas na formação docente, a fim de que a Geografia a ser ensinada deva ser contextualizada e socioespacialmente relevante para os estudantes, superando a Geografia aprendida, cujas práticas relatadas, de modo geral, abordavam os conteúdos, muitas vezes, distanciados da realidade cotidiana dos estudantes.

De acordo com Portugal (2013, p. 230), as narrativas de si tecidas a partir da compreensão e apropriação do espaço de vida remetem à apreensão do lugar centrada nas "[...] histórias que compõem o enredo das suas geo(BIO)grafias – geo corresponde ao lugar de/onde o sujeito narra; (BIO) é a vida narrada; e grafias é o modo como os sujeitos escrevem, traduzem, interpretam e narram as suas histórias a partir do lugar/lugares".

Ao rememorar as experiências vividas, os graduandos mobilizam as marcas indeléveis das memórias guardadas sobre as experiências escolares e são oportunizados a historicizar as memórias no tempo e no espaço, nos lugares onde viveu, estudou e têm construído histórias.

Conclui-se que, ao apreender os sentidos atribuídos ao vivido, as narrativas evidenciam uma concepção de Geografia estritamente livresca, descritiva, fragmentária e mnemônica. Ao

verbalizar as memórias escolares, traduzindo-as em histórias, no contexto da formação docente, os graduandos assumem o papel de narradores-autores e refletem sobre o passado, sendo instigados a ressignificar o processo de tornar-se e ser professor.

5. Referências

BRAGANÇA, I. F. S.; MAURÍCIO, L. V. Histórias de vida e práticas de formação. *In:* PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. (org.). **(Auto)biografia:** formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008. p. 253-271.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias:** direito, literatura, vida. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução: Carlos Galvão Braga, Maria Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012a.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica em educação: desafios e perspectivas. *In*: SOUZA, E. C. (org.). **Educação e ruralidades**. Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012b. p. 181-200.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In:* NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014. p. 77-90.

FRISON, L. M. B.; VEIGA SIMÃO, A. M. da. **Abordagem (auto)biográfica**: narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, maio/ago. 2011.

HESS, R. Momento do diário e diário de momentos. *In*: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 89-103.

IBGE. **Base cartográfica de Santo Antônio de Jesus/BA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais.html. Acesso em: 22 maio 2025.

JOSSO, M-C. Da formação do sujeito...ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 57-76.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudio e Julia Ferreira. Revisão científica de Maria da Conceição Passeggi. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e Formação.** Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda P. Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENEZES, V. S.; COSTELLA, R. Z. Narrativas (auto)biográficas na licenciatura em Geografia: potencialidades para a construção da professoralidade. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 9, n. 18, p. 83-105, jul./dez., 2019. Disponível em: https:// www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/633. Acesso em: 12 mar. 2026.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 143-175.

NÓVOA, A.; FINGER, M. Introdução. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 19-27.

OLIVEIRA, S. S. de. **"Travessias" de aluno de escola da roça a professor de universidade**: percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. Memórias, memoriais: o que há de memorável? *In*: PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 15-24.

PASSEGGI, M. da C. Memoriais: injunção institucional e sedução biográfica. *In*: PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. (org.). **(Auto)Biografia:** formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008a. p. 103-131.

PASSEGGI, M. da C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura **pública de s**i. *In*: PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b. p. 27-42.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, [*s. l.*], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In:* NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 91-109.

PINEAU, G.; LE GRAND, J-L. **As histórias de vida.** Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

PORTUGAL, J. F. **Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais:** identidades, reminiscências e narrativas. Serrinha: [*s. n.*], 2023. Projeto digitalizado.

PORTUGAL, J. F**. Memoriais, diários e portfólios**: narrativas autobiográficas e formação docente. *In*: Portugal, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (org.). Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: Edufba, 2015. p. 43-72.

PORTUGAL, J. F. **Projeto Traduzindo-me**: narrar histórias, geografar trajetórias – uma proposta de investigação-formação em Geografia. Serrinha: [*s. n.*], 2006. Projeto digitalizado.

PORTUGAL, J. F. **"Quem é da roça é formiga**!": histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de geografia de escolas rurais. 2013. 352. f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação... *In*: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59.

QUICENO, D. V. J. **(Re)constituição do ideário de futuros professores de Matemática num contexto de investigação sobre a prática pedagógica**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SÁ-CHAVES, I. Nota de apresentação. *In*: SÁ-CHAVES, I. (org.). **Os "portfólios" reflexivos (também) trazem gente dentro**: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005. p. 7-19.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Base cartográfica de Santo Antônio de Jesus**. Salvador: SEI, 2019. Disponível em: sei.ba.gov.br. Acesso em: 22 maio 2025.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008, 89-98.

SOUZA, E. C.; CORDEIRO, V. M. R. **Por entre escritas, diários e registros de formação**. Revista de Educação, [*s. n.*], v. 2, p. 44-49, 2007.

SOUZA, E. C. de. **Conhecimento de si**. **Estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EDUNEB, 2006a.

SOUZA, E. C. de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. *In*: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b, p. 135-147.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004a.

SOUZA, E. C. de. O conhecimento de si, narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **A aventura (auto)biográfica**: Teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b. p. 387-417.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELOSO, Caetano. Oração ao Tempo. **Cinema Transcendental**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. 1 disco de vinil (39 min). Faixa 2.

VILLAS BOAS, B. M. F. **O portfólio no curso de Pedagogia:** ampliando o diálogo entre professor e aluno. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 90, p. 291-306, jan./abr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a13v2690.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Contribuição dos autores (de acordo com a taxonomia CRediT)

Jussara Fraga Portugal – participou da curadoria de dados, análise dos dados, redação e revisão do texto.

Simone Ribeiro Santos – participou da curadoria de dados, análise dos dados, redação e revisão do texto.

Hanilton Ribeiro de Souza – participou da redação do texto e revisão do texto.